

Jovens Xakriabá assumem responsabilidade de produzir os conteúdos de comunicação em defesa de sua identidade e de seu território



Raiz que sustenta A NOSSA IDENTIDADE

■ Helen Santa Rosa e Felisa Cançado Anaya

Se a gente pensar a comunicação como uma raiz do Cerrado, vai ver que é ela que vai ligando uma ação a outra e vai andando em busca do seu objetivo, que é levar e registrar o conhecimento e a cultura.

(Joel Guaruntã, professor do Ponto de Cultura Loas - Xakriabá)



povo Xakriabá é a maior nação indígena do estado de Minas Gerais, com aproximadamente 10 mil habitantes ocupando uma

área demarcada de 60 mil hectares na região do Alto-Médio São Francisco. O território é dividido em 32 aldeias, possui estrutura de governança própria, com lideranças em cada uma delas, além dos pajés e caciques, que exercem funções políticas definidas.

Apesar de toda a pressão externa, os Xakriabá nunca perderam a referência indígena, sempre alimentada pelos rituais e outras práticas coletivas, marca simbólica e comunicada de sua identidade. Essa forma de resistência coaduna com a ideia defendida por Carneiro (2008), em seu livro *Cultura com aspás*, de que as práticas rituais, enquanto representação de crenças e como um elemento de reafirmação étnica de determinados grupos sociais, constituem uma espécie de linguagem comunicada, um discurso que fala de si mesmo.

No presente texto, pretende-se demonstrar como algumas estratégias e mecanismos de reprodução social dos Xakriabá devem ser vislumbrados à luz de uma concepção ampliada de comunicação. Como veremos, foi por meio de práticas tradicionais de mobilização e ação coletiva, da incorporação de tecnologias modernas e da abertura de canais de interlocução com atores heterogêneos que os Xakriabá conseguiram fortalecer e espalhar sua mensagem em defesa de seu território, cultura e identidade.

SISTEMAS DE DIÁLOGO E MOBILIZAÇÃO PARA A DEFESA DO TERRITÓRIO

Segundo Hilário Correa Dbazakzekô,¹ mobilizador geral do povo Xakriabá, no campo das relações internas, os *ajuntamentos*, também chamados de mutirões, configuraram a primeira estratégia de mobilização, diálogo e ações coletivas. Os homens se *ajuntavam* para fazer a limpa de uma roça, para abrir uma estrada e para cuidar das nascentes, mas também para debater questões estratégicas e encaminhar ações de interesse coletivo. Era natural, portanto, que os ajuntamentos assumissem papel crucial na afirmação da identidade étnica e na defesa do território, luta que remonta à década de 1920.

Dbazakzekô lembra de forma especial de um ajuntamento realizado na Aldeia Sapé, que reuniu mais de 600 indígenas.

¹ Depoimento concedido durante entrevista realizada em fevereiro de 2016.

“ A COMUNICAÇÃO XAKRIABÁ É CALCADA NA PRODUÇÃO E NA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS QUE POSSUEM SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS QUE OS IDENTIFICAM COMO POVO

Foi um processo muito violento de tomada do nosso território, que levou muita gente a abandonar suas casas, e alguns chegaram até a morrer. Mas a gente era resistente e saía de um ajuntamento marcando outro, e cada vez tinha mais gente.

O depoimento faz referência a uma época de forte perseguição e confrontos armados que culminaram com o brutal assassinato do cacique Rosalino e de outros dois membros da Aldeia Sapé em fevereiro de 1987. Naquele mesmo ano, após o que ficou conhecido como o *Massacre Xakriabá*, o território foi finalmente homologado.

O cacique Rodrigão, principal liderança Xakriabá, criou o conselho de lideranças, formado por representantes de cada aldeia. Nessa estrutura de governança interna, as reuniões e assembleias passaram a ser o espaço privilegiado de discussão e deliberação sobre as questões coletivas. Os *ajuntamentos* continuam, embora mais voltados para trabalhos produtivos. A partir de então, a luta dos Xakriabá foi direcionada à retomada territorial que levou à ampliação da terra indígena de Rancharia (2003) e Vargem Grande (2014). É nesse contexto de resistência que se constitui um processo de aproximação política com outros povos e comunidades tradicionais da região que se materializa na *Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais*,² fenômeno recente que vem animando o cenário político regional.

² A Articulação surge em meados de 2006, com a edição do Decreto 6.040/2006 que reconhece a diversidade de povos e comunidades tradicionais brasileiros. Congrega povos vazanteiros, veredeiros, geraizeiros, quilombolas e indígenas do Norte de Minas e os apanhadores de flores sempre-vivas no Alto Vale do Jequitinhonha, despontando como estratégia de solidariedade, intercâmbio e fortalecimento das lutas por direitos, sobretudo ao território.

REGISTRO DA MEMÓRIA PELA EDUCAÇÃO INDÍGENA

Em 1997, os Xakriabá são beneficiados pelo Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEIMG), coordenado pela Secretaria de Estado de Educação (SEE/MG). Além do magistério indígena, o programa incluía a construção de escolas e a elaboração de materiais didáticos, fortalecendo o contexto de reafirmação cultural e políticas do grupo, no âmbito das estratégias de acesso às políticas públicas e garantia de direitos. Mais tarde, em 2003, inicia-se o Programa Estadual de Licenciatura Indígena, com o objetivo de formar professores nativos para o exercício da docência nas escolas indígenas. De acordo com dados da SEE/MG, em 2008, havia mais de 2.500 alunos matriculados e mais de 200 professores indígenas atuando nas 34 escolas da Terra Indígena Xakriabá (TIX). Dentre estes, Santos (2010, p. 130) destaca os professores de cultura, que *surgem [nas escolas Xakriabá] como ícones do ensino diferenciado e, mais que isso, como atores importantes no processo de levantamento da cultura.*

Uma das exigências feitas aos acadêmicos indígenas durante o período da graduação era de que toda intervenção realizada nas aldeias fosse registrada através de fotografia ou gravação de áudio. Nessa época, era intensa a interação do povo Xakriabá com as cidades vizinhas, assim como houve a ampliação do acesso a créditos e investimentos produtivos, fatores que também colaboram para o acesso a instrumentos tecnológicos. O professor de cultura Joel Guaruntã comenta sobre a importância desse processo que promove a valorização das práticas culturais do povo Xakriabá: *Nós não conhecemos muita coisa do que aconteceu no passado. Registrar o nosso modo de vida hoje tem um sentido histórico, de construção de um memorial para as novas gerações.*

PROJETOS DE CULTURA

A primeira década de 2000 é marcada por grande projeção do grupo no campo político. Nos últimos três mandatos, o povo Xakriabá alcançou o feito de eleger prefeitos indígenas e obter maioria na câmara municipal,³ além de circular e fazer-se ouvir pelos lugares mais diversos (SANTOS, 2010). O grupo também lidera e é referência em importantes processos políticos no sertão norte-mineiro, por meio da Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais. Esse processo de tomada dos espaços de representação política foi acompanhado por uma ampliação do acesso às políticas públicas. As associações indígenas iniciam a implantação de projetos voltados para ações ambientais (proteção de nascentes), produtivas (casas de farinha, rapadura e de sementes) e culturais.

Apesar dos avanços na garantia de direitos como território, saúde, escola e energia elétrica, várias perdas relacionadas ao modo de vida tradicional foram sendo observadas. No *tempo dos antigos*, como dizem os mais velhos, as práticas culturais, os rituais, a agricultura, a língua era o que os diferenciava. Havia dificuldades no acesso à terra, mas o povo era mais sábio.

Nesse contexto, é possível perceber a importância da implantação de projetos culturais para os Xakriabá. Em 2006, foi construída a Casa de Cultura Xakriabá, com o apoio da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com a Província de Modena (Itália), o Instituto de Cooperação e Solidariedade Internacional Emilia Romagna (Iscos) e a Associação Nacional de Ação Indigenista

³ Desde 2004, o município de São João das Missões tem como gestor um indígena. O primeiro prefeito foi José Nunes, filho do cacique Rosalino, assassinado durante o Massacre Xakriabá. Hoje, estão na terceira gestão indígena, com fortes articulações para a sucessão.

(Aná). Idealizada pelo artista xakriabá Ney, a casa foi totalmente construída por indígenas – pedreiros, artesãos de telhas, tijolos e palhas – e passa a ser o espaço de encontro para os grandes rituais e manifestações culturais. Ao contribuir para fortalecer o diálogo entre anciãos, jovens e crianças, retoma a estratégia dos ajuntamentos como momentos de reafirmação da cultura e de formação política.

Por intermédio de um projeto apoiado pelo Fundo Estadual de Cultura no ano de 2008, foram implantadas três casinhas de cultura em apoio aos artesões, buscando animar ainda mais as práticas culturais existentes na TIX. Em 2009, conseguem aprovar o projeto Ponto de Cultura *Loas*, nome que faz referência ao duelo de rimas muito frequente nos momentos de festa. Instalado na Casa de Cultura, compreende ações como oficinas de dança, música, artesanato e vestimentas com os mestres tradicionais, o que contribui para o resgate de ofícios e o fortalecimento

Nas Casas de Cultura mestres locais realizam oficinas que resgatam ofícios e tradições



das práticas culturais. Também são realizadas oficinas no campo da comunicação, como produção de audiovisuais, gravação e edição de áudio, fotografia e até de *loas*. O projeto proporcionou ainda a instalação de uma rádio e de um estúdio para edição de vídeos.

Nicolau Alquimim, guardião da agrobiodiversidade e ex-presidente da Associação Indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto (AIXABP), conta que havia uma preocupação com a formação, mas também com a informação. Por isso, buscaram implantar projetos que colaborassem para divulgar as ações. *A gente queria informar e formar o nosso povo sobre o que estava acontecendo, sobre as lutas e também as ações dos projetos. Por isso fomos registrando através de vídeo e fotografia, depois editamos e fomos enviando os vídeos para as lideranças e escolas. Passávamos em todo canto.* Até hoje, os visitantes que chegam à Casa de Semente da Aldeia Vargens são recebidos com um vídeo que apresenta as ações voltadas para a promoção e proteção da agrobiodiversidade, assim como podem visualizar painéis com fotos, boletins e cartazes.

Um conjunto de atividades e produtos foi sendo implementado ao longo do tempo, buscando contribuir com os dois grandes objetivos da comunicação para o Povo Xakriabá: a divulgação das ações dos projetos e o registro da memória. Para animar essas iniciativas, foi criado o coletivo Raízes de Xakri, formado por jovens das aldeias Sumaré e Barreiro.

A produção de vídeos e os registros fotográficos foram sendo pautados a partir da necessidade de documentar as lutas e os rituais tradicionais, como danças, rezas, coleta do pequi, recuperação das nascentes, resgate das sementes, retomada dos territórios, dentre outros aspectos da vida e da cultura Xakriabá. Também é feita a cobertura dos grandes acontecimentos, como encontros, mutirões, conferências e visitas que acontecem no território indígena.

Os Xakriabá começaram a publicar seus próprios livros, a contar suas histórias também de forma escrita. O livro é todo confeccionado dentro da TIX: a capa é de papelão, com uma pintura de artistas locais, e o texto é escrito a partir das atividades que acontecem nas escolas, digitado e impresso no Ponto de Cultura. Até hoje foram publicados cinco livros, sempre acompanhados do registro audiovisual de sua produção.

O povo Xakriabá também publica o Jornal *Etiké Kustche*, que na língua nativa quer dizer *flecha de fogo*. O jornal, que tem texto e diagramação feitos pelo coletivo de jovens, apresenta notícias de ações que ocorreram na TIX ou que são de interesse do grupo, além de agendas de eventos e campanhas de cons-



Para o Povo Xacriabá, a comunicação tem o objetivo de divulgar ações locais e registrar sua memória

cientização. Guaruntã lembra que o jornal é usado pelos professores na escola como fonte de informação, já que aborda acontecimentos e temas importantes, a partir de uma linguagem local, de fácil compreensão. Em função do término do projeto, o jornal não está mais sendo publicado. A perspectiva é que retome suas edições a partir deste ano, em parceria com o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA/NM).

O projeto Ponto de Cultura Loas também compreende o Maracá Studio. Os materiais produzidos no estúdio têm auxiliado os professores em suas atividades de sala de aula e consistem em registros de áudio de vários eventos, além da gravação de CDs de música na língua nativa ou de artistas indígenas cantores de forró e moda de viola. Uma última atividade realizada no final de 2015 foi a gravação de contos e histórias da literatura Xakriabá. Além de ser utilizado na escola, o conteúdo está sendo veiculado na rádio.

RÁDIO XAKRIABÁ E O PAPEL DA JUVENTUDE

Os jovens crescem vivenciando a sua cultura com os mais velhos. As oficinas sobre artesanato e práticas culturais possibilitaram maior diálogo entre anciãos e jovens. Ao mesmo tempo, a juventude vem interagindo com as novas tecnologias, ocupando cada vez mais espaço nas mobilizações políticas, na educação e na comunicação.

Exemplo disso é o último veículo de comunicação implantado na TIX: a Rádio Xakriabá 87.9 – Comunicação e Cultura, inaugurada no dia 24 de janeiro de 2015. A juventude exerce um papel fundamental na rádio, sendo responsável por realizar a maior parte da programação. Toca *música de dentro*, feita pelo povo Xakriabá, e *música de fora*, as músicas da moda, produtos da indústria cultural, divulgadas amplamente nas rádios e festas das cidades. Todas as lideranças que retornam de atividades externas representando os Xakriabá passam na rádio para socializar informações e encaminhamentos. Os eventos de interesse coletivo realizados na Casa de Cultura são transmitidos pela rádio, o que faz com que todas as aldeias sejam informadas sobre questões relevantes. Já foram transmitidas reuniões sobre educação indígena e assembleia de lideranças indígenas. Os visitantes que passam por lá também sempre dão entrevista na rádio.

Flávia Waryju e Edgar Correia Kanaykô fazem parte do Coletivo de Comunicação Raízes de Xakri. Durante entrevista, ela afirma que tem crescido a participação da juventude na comunicação, mas ainda é preciso que os jovens assumam o seu papel e ocupem cada vez mais espaços políticos. *Somos nós que vamos assumir essas lutas no futuro. É importante acompanhar a luta que as lideranças realizam hoje, ouvir os anciãos para ter a sabedoria de ajudar a conduzir a nossa história.*

Um dilema entre os mais velhos e os jovens é quanto à influência das tecnologias nas tradições. Edgar Kanaykô reforça que a tecnologia pode ser importante aliada no processo de visibilização das lutas e identidade do povo Xakriabá. *Temos a necessidade de reverter o jogo de forças, adequar as ferramentas de hoje para expressar o que pensamos, divulgarmos a nossa identidade. As tecnologias são ferramentas que nos ajudam a sair da invisibilidade. Os indígenas hoje tem acesso à internet, assim como aqueles que historicamente falaram por nós e sobre nós.* O Coletivo também se articula com outros povos, fortalecendo campanhas contra a violação de direitos. A partir das redes sociais, dinamiza o Coletivo Audiovisual Indígena no Brasil (Caib).

Manuel Castells (2006, p. 22), em seu livro *O poder da identidade*, define *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. A comunicação Xakriabá é calcada na produção e na transmissão de conhecimentos, que possuem significados simbólicos que os identificam como povo. Joel Guaruntã evidencia esse diálogo geracional, que fortalece e ao mesmo tempo molda uma nova identidade. *Quando registramos a nossa cultura, fazemos isso a partir do saber dos mais velhos, da forma como nos passaram, e editamos com o nosso olhar. É uma construção coletiva do conhecimento que mostra o que verdadeiramente somos, a nossa identidade.*

HELEN SANTA ROSA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Território UFMG/Unimontes, pesquisadora do NIISA/Unimontes e comunicadora do CAA/NM e da ASA/MG
helen@caa.org.br

FELISA CANÇADO ANAYA

Doutora em Sociologia, pesquisadora do NIISA/Unimontes, professora da Unimontes e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Território UFMG/Unimontes
felisaanaya@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CIMI. **Documento Interno**. 02/2016.
- CUNHA, Manuela C. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 235-244, 311-387.
- PEREIRA, Verônica Mendes. **A Cultura na escola ou escolarização da cultura?** Um olhar sobre as práticas culturais dos índios Xakriabá. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- SANTOS, Ana Flávia Moreira. **Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra Indígena Xacriabá**: as circunstâncias da formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras. 1997. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.
- SANTOS, Rafael Barbi Costa e. **A cultura, o segredo e o índio**: diferenças e cosmologia entre os Xacriabá de São João das Missões/MG. 2010. Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.